

Apresentação

 10.46230/2674-8266-14-9816



Júlio César Rosa de Araújo  

araujo@ufc.br

Universidade Federal do Ceará - UFC

Débora Liberato Arruda Hissa  

debora.arruda@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE

João Paulo Eufrazio de Lima  

jpeufrazio@gmail.com

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Nukácia Meyre Silva Araújo  

nukacia.araujo@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE

A desinformação, o negacionismo, o discurso de ódio, enquanto fenômeno da pós-verdade, são consequências de ações orquestradas e sistêmicas de agentes humanos e não-humanos (algoritmos) que usam o ciberespaço da web para criar novas narrativas, conservar antigos medos e crenças, cristalizar e produzir discursos reacionários, confiantes de que o anonimato e a desresponsabilização algorítmica os livrarão da punibilidade e da prisão. Por isso lidar com tais ações (in)civilizadamente disruptivas tem se tornado cada vez mais um desafio aos cidadãos e aos governos, uma vez que controlar o hiperfluxo de (des)informação nas redes sociais e seu alcance em bolhas privadas de consumo discursivo parece ser inexecutável tamanha é a capilaridade e a rapidez com que notícias falsas se espalham na web.

As consequências sociais da desinformação são enormes, basta lembrarmos os efeitos danosos que informações falaciosas têm causado nas democracias e em contextos críticos de sobrevivência das populações mundiais, como este que estamos vivendo da pandemia de Covid-19, desde 2020 até os dias atuais. A negação dos efeitos letais do vírus SARS-CoV-2, responsável pela Covid-19, se ergueu do mesmo modo que se ergueu, há décadas, a negação dos danos do tabaco e, mais recentemente, dos prejuízos irrecu-

peráveis do aquecimento global, com uma diferença avassaladora: a desinformação sobre a pandemia contou que a ajuda “prodigiosa” das redes sociais. Elas se converteram em hipervias virtualizadas de conteúdos criados e consumidos como fonte de informação, de conhecimento, de manipulação, pelas quais cada um dos bilhões de usuários das redes tornou-se um potencial transmissor de conteúdo.

Nesta perspectiva, torna-se urgente refletirmos sobre o alcance de narrativas falaciosas criadas na e para as redes (hiper)multissemióticas na web, pois elas não apenas desinformam a população geral, como também invertem o modo que concebemos os conhecimentos científico, acadêmico, jornalístico e filosófico. Essa prática de lançar mão da verdade em nome de publicações na web que geram engajamento pela emoção, pela fé, pela crença tem sido adotada por instituições mercadológicas, governos autocráticos e empresas de plataforma, a exemplo das redes sociais, como forma a desestabilizar e deslegitimar discursos contrários a interesses próprios, como forma de produzir um regime de veridicção, cuja verdade é escolhida em uma prateleira discursiva a partir de um valor relativo e negociável (D’ANCONA, 2018). Estamos, assim, lidando com um mercado da verdade, no qual os reais curadores do conhecimento científico e acadêmico não passariam de mais um no grupo de atores sociais que têm interesse na manipulação do discurso. Nas redes sociais, todos acabam se despotencializando tendo em vista que o conhecimento não mais importa, mas sim o acesso a um conglomerado de informações consumíveis e reproduzíveis.

Como forma de contribuir para um maior engajamento acadêmico-científico sério, comprometido com pesquisas, dados, evidências e fatos, esse dossiê apresenta à sociedade um conjunto de nove artigos, mais uma entrevista, que analisam o fenômeno da desinformação de diferentes perspectivas teóricas e a partir de objetos muito distintos, o que, pensamos, fornece um quadro bastante contemplativo do estado da arte atual neste campo de pesquisa.

Nosso dossiê começa, portanto, com o texto *Da utopia da participação global na Web 2.0 às fake news nas redes sociais: uma discussão epistemológica para uma educação crítica* de Petrilson Pinheiro em cujo texto as *fake news* são abordadas não apenas como meras notícias falsas, mas como um produto deliberado de ações de desinformação, promovidas por agentes com interesses econômicos, políticos e ideológicos que se servem do meio digital e sua larga possibilidade de comunicação em massa. Contudo, apesar de complexo, o autor ainda percebe esse contexto como uma esperança a partir de uma educação

crítica que possibilite aos cidadãos protegerem-se das fake news, sobretudo, no meio digital.

Em seguida, passamos ao texto *Saindo das bolhas de pós-verdade: ética da informação para fluência digital e combate às fake news* das autoras, Jaqueline Barreto Lé, Úrsula Cunha Anecleto e Ana Elisa Ribeiro. Neste artigo, o fenômeno das bolhas de informação é analisado na perspectiva da pós-verdade em que o sistema de crenças e emoções dos leitores direciona seu consumo de informações e seu convívio nas redes sociais. Neste contexto, as autoras propõem como medida a formação de um cidadão mídia-ativo, ou seja, sujeitos com visão crítica suficiente para não só checar as informações, mas também de compreendê-las, de forma a mudarmos essa lógica atual da grande rede.

No artigo seguinte, intitulado *Prática discursiva de desinformação: distribuição de anúncios digitais falsos em mídias sociais*, dos autores Antônio Heleno Ribeiro Santiago e Júlio Araújo, o fenômeno da desinformação é abordado a partir da análise de anúncios falsos divulgados na grande rede, utilizando a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), de Fairclough (2001) como base teórico-metodológica. O estudo demonstra que os anúncios falsos são um grave problema social que precisa ser combatido a partir do engajamento transformacional dos sujeitos.

O artigo seguinte, intitulado *Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate à desinformação* de Débora Hissa também analisa o fenômeno da desinformação a partir da teoria das bolhas sociais, mas, neste caso, a partir de uma perspectiva freudiana da Psicologia das Massas (FREUD, 2011). A autora analisa como os algoritmos da internet passaram a constituir nossas subjetividades e nossa relação com o outro e distintas perspectivas propostas para como lidar com a desinformação neste meio, seja através de processos de curadoria, através, por exemplo, de portais de checagem ou pelo desenvolvimento do letramento crítico.

O artigo seguinte, *Ser docente em tempos de fake news: a representação de professores de inglês em uma postagem no Instagram do Escola Sem Partido e as*

dinâmicas dos movimentos anti-LGBTQIAP+, de Vanessa Moreno Mota e Bruno Cesar Nunes de Andrade, o fenômeno das fake news é investigado a partir da representação de professores de inglês em uma postagem no Instagram do famigerado Movimento Escola sem Partido. Nesta perspectiva, os autores mos-

tram que o aumento da violência contra a população LGBTQIAP+ pode ser impulsionado a partir de fake news e como podemos combater essa lógica a partir da promoção do letramento crítico e dos multiletramentos, em acordo com a Base nacional Comum Curricular.

Por sua vez, o artigo *Efeito Dunning-Kruger e dissonância cognitiva na CPI da Covid-19: a institucionalização da desinformação* de Vicente de Lima Neto e Isadora Oliveira do Nascimento analisa a institucionalização da desinformação a partir de trechos dos depoimentos da oncologista Nise Yamaguchi, da pediatra Mayra Pinheiro e do general Eduardo Pazuello dados à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19, instaurada para apurar as responsabilidades dos membros do Governo Federal na condução da Pandemia de Covid-19 em nosso país. Para tanto, os autores utilizaram como base teórica os conceitos de efeito dunning-kruger (DUNNING, 2011) e dissonância cognitiva (FESTINGER, 1968) para analisar como agem os sujeitos responsáveis por decisões governamentais com largo impacto em nossa sociedade.

No artigo seguinte, *“Se não faz mal, por que não tomar?” Um estudo sobre a campanha bolsonarista de desinformação pró-cloroquina* de João Paulo Eufrazio de Lima o fenômeno da desinformação é analisado também na perspectiva de sua institucionalização pelo Governo Federal no contexto da Pandemia de Covid-19. Neste caso, o autor fez um levantamento, através do Google trends, do impacto nas redes sociais dos temas abordados nas lives presidenciais, avaliando como isso pode ter contribuído para o caos sanitário e social que vivenciamos naquele contexto.

Na sequência, o artigo *Uma análise bakhtiniana sobre o discurso de ódio contra nordestinos em postagens nas redes sociais após o primeiro turno das Eleições 2022* de Samya Semião Freitas apresenta uma análise do discurso de ódio promovido contra nordestinos na grande rede a partir dos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso. A autora conclui que são criados cronotopos de ódio contra essa população e que estes estão ligados a um projeto enunciativo de inferiorização do povo nordestino levado a cabo por grupos de apoiadores de Jair Bolsonaro.

Por fim, no artigo *Decolonialidade epistemológica em tempos de monotecnologização da vida: uma tarefa ao pensar* de Emanuel Pedro Martins Gomes acompanhamos uma análise na perspectiva decolonial sobre a ideia de “tecnodiversidade” em oposição a epistemologia monotécnica das práticas tecnocapitalistas no contexto da Pandemia de Covid-19.

Encerra o dossiê uma entrevista que *Helena Martins do Rêgo Barreto concedeu ao Paulo Jefferson Pereira Barreto e ao Rafael Rodrigues da Costa*. Na entrevista, cujo título aponta para o *combate à desinformação e a garantia do direito à liberdade de expressão*, Helena Martins defende que as pessoas têm direito à informação confiável e, sem o respeito a esse direito, não é possível falar em liberdade de expressão.

Os organizadores e o conjunto de pesquisadores que apresentam aqui suas reflexões e propostas esperam com esse dossiê fomentar ainda mais pesquisas sobre o fenômeno da desinformação, contribuindo, dessa forma, para que essa prática, tão maléfica à sociedade em geral, possa ser entendida e combatida não apenas teoricamente, mas no dia a dia, de forma que tenhamos um mundo mais humano e igualitário em que discursos divergentes possam conviver, mas tendo sempre como parâmetro o respeito aos direitos básicos da pessoa humana.

O(A)s organizadore(a)s
Fortaleza – CE, 07 de dezembro de 2022.